

OS IMPACTOS DA MODERNIDADE NA CIDADE DE POMBAL ENTRE OS ANOS 1930 -1945

Helmara Giccelli Formiga Wanderley Junqueira

A emergência de um “mundo moderno”, faz surgir uma multiplicidade de discussões acerca da “condição moderna”, muitas vezes de forma pouco compreensiva, em virtude da complexidade e da pluralidade de sentidos atribuídos ao termo “modernidade”.

Para Kumar, “modernidade é uma designação abrangente de todas as mudanças - intelectuais, sociais e políticas – que criaram o mundo moderno.” (1997:p. 79)

É importante compreendermos que não há uma só definição para o vocábulo “modernidade”, mas sim, várias idéias de moderno.

Os vários significados atribuídos à modernidade sempre estiveram ligados à analogia novo-velho, entretanto, nem sempre com recepção entusiasmante, pois durante a Idade Média, dava-se grande valor aos padrões tradicionais. Logo, tudo o que representava rompimento com esses valores era considerado desprezível, impuro, errado. O moderno, ou melhor, o novo, na concepção medieval, levaria à destruição, ao fim, à decadência da raça humana, e não à prosperidade.

Somente na segunda metade do século XVIII é que de fato pode-se afirmar o surgimento de uma idéia de modernidade, assinalada por um era de superações tecnológicas intermináveis, um período de progresso, que era identificado como “modernidade”.¹

Segundo Kumar, modernidade significava o total desprendimento com o passado, um rompimento completo com o “antigo”, o início de uma nova era alicerçada em princípios inteiramente novos.

Analisando Kumar percebemos que a modernidade é concebida

“ como um conceito aberto. Implica a idéia de continuação ininterrupta de novas coisas. Isso está implícito em sua rejeição ao passado como fonte de inspiração e exemplo. A modernidade não é apenas produto da revolução – em especial da Americana e da Francesa, mas é em si basicamente revolucionária, uma revolução permanente de idéias e instituições.” (1997:p.92)

O que proporcionou uma dinâmica modernização na sociedade, foi sem dúvida a revolução nos meios de produção iniciada na Inglaterra, que se alastrou pelo mundo inteiro infligindo um modelo cultural ligado ao consumismo permanente.

A partir do final do século XIX e início do século XX, muitas cidades brasileiras começaram a passar por transformações urbanísticas, que objetivavam dar-lhes aspectos modernos e embelezadores.

A cidade do Rio de Janeiro, passou a figurar como símbolo da modernidade no Brasil, como o padrão de modernidade para as demais, torna-se a cidade-modelo.

Nicolau Sevcenko diz que no Brasil,

“o Rio passa a ditar não só as novas modas e comportamentos, mas acima de tudo os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais que articulam a modernidade como uma experiência existencial e íntima.” (2001: p.522)

No início do século XX, Pombal, passou por importantes transformações que lhe conferiu aspectos ditos àquela época “modernos”, tais como: iluminação de ruas e casas, abertura de novas ruas e avenidas, construção de estradas, praças, escolas, hospitais e a instituição de novas leis de conduta, isto é, leis disciplinares, que visavam expulsar os tipos dissonantes para fora do espaço citadino centralizado. Além disso, foram inseridos pensamentos e valores europeus à mentalidade local.

O ano de 1930, marca uma nova fase na política nacional. Nesse ano, arrebenta o movimento revolucionário liderado por Getúlio Vargas. Com a culminância do movimento em todo o território brasileiro as mudanças fazem-se sentir.

Em Pombal, com a mudança política e a instituição de um governo provisório, assume o cargo de prefeito o Dr. Janduhy Vieira Carneiro, tendo sua administração durado até 1935.

Na década de 30, a cidade ainda apresentava pouco grau de desenvolvimento, fato que não interferiu no processo modernizante implementado com o advento da luz elétrica na década de 20.

O município foi o pioneiro entre as cidades do interior do Estado a implantar o sistema de energia elétrica, que foi introduzido em 1927. Com esse fato a mentalidade da população transforma-se intensamente, visto que, para a época era motivo de orgulho morar na única cidade do interior a possuir sistema de energia elétrica.

Depois da implantação da energia elétrica segue-se um período de grande modernização na cidade, em que as pessoas mais abastadas buscam um novo padrão para suas casas.

A ânsia de ser moderno, levou os representantes do poder público local a investirem maciçamente na implantação de um mobiliário urbano inteiramente novo, fundamentado nos moldes europeus, o que era considerado essencial para atingir o que àquela época era denominado “modernidade”.

Os anos que vão de 1930 a 1945, são marcados por uma série de mudanças políticas em todo o país.

Como já mencionado anteriormente, foi nesse período que a cidade ganhou praças, escolas, hospitais, novas ruas e avenidas, surgiram estabelecimentos comerciais como: bares, cafés, magazines, bodegas, indústrias como a de óleo de oiticica, enfim, a cidade será o lugar das tramas cotidianas.

É dessa época o aumento da área do Cemitério Público, que merece atenção no seguinte aspecto: os discursos dos higienistas, defendiam a idéia de que o cemitério deveria ser além das fronteiras da cidade, o que evitaria a proliferação dos miasmas.

Margareth Rago sobre a localização dos cemitérios diz que,

“desde o começo do século XIX, uma carta régia proíbe o enterro dos mortos nas igrejas e ordena a construção de um cemitério afastado da cidade (...) seguindo as prescrições médicas de combate aos miasmas morbíficos emanados dos cadáveres.” (1997;p:173)

Em Pombal, o Cemitério de Nossa Senhora do Carmo, alicerçado no ano de 1860, foi construído a uma razoável distância do centro urbano, tendo exigido mais tarde, em 1932, a construção de uma rodagem ligando-o à Igreja Matriz da cidade, se enquadrando então, nos padrões em voga na época.

Em 1932, em virtude da seca, são promovidas obras de emergência visando a acobertar os flagelados. Nesse período é construído o grupo escolar João da Mata. Com a implantação da escola, o nível educacional melhora muito. Porém, quem desejava continuar os estudos, devia dirigir-se às capitais: João Pessoa, Recife ou Rio de Janeiro.

Estudar fora era um privilégio de “ricos”. Quem deixava a cidade para dar continuidade aos estudos tinha entre outros objetivos, o interesse de mostrar que era “moderno”, já que estudar e viajar eram características típicas da modernização.

Segundo a Sra. Ivanil Salgado de Assis, a maioria dos estudantes

“que saíam de Pombal para estudar fora eram homens, que iam para Recife ou Rio de Janeiro, fazer universidade, os cursos preferidos era Direito, no Recife, e Medicina, no Rio de Janeiro. Mas algumas mulheres também iam estudar fora. Eu, Ivanil Salgado, e Nena Queiroga, fomos as primeiras. Em 1937, nos fomos estudar em João Pessoa, depois foram outras. Era um privilégio! Não era todo mundo que ia não. Só ia estudar fora quem tinha condições, os ricos, sabe? E, quando voltava, trazia a moda, o luxo, o povo via e achava aquilo moderno.” (ASSIS; 2004a)

Nesse mesmo ano, 1932, marcou-se a chegada da estrada de ferro que ligava Pombal a algumas capitais. Esse fato proporcionou o aumento do fluxo de estabelecimentos comerciais na cidade. Era costume dizer que “aonde chegava o trem, chegava o progresso”.

O advento das linhas férreas e do trem estavam também ligadas às obras contra a seca. Sua chegada a Pombal foi recebida com entusiasmo e festa, além de um misto de admiração e espanto. Fato que pode ser percebido através do exposto abaixo:

A Sra Benta dos Santos, sobre a chega do trem diz que quando o trem

“vinha chegando estava aquela multidão de pessoas esperando. Homens, mulheres, crianças, tudo. Mais tinha muita gente que não sabia o que era. Eu mesma nunca tinha visto um trem. Foi a primeira vez. Aí, lá vinha ele, de longe não dava pra ver direito. Mas quando foi chegando perto, viche! foi uma correria só. O trem vinha todo enfeitado, com um laço bem grande. Aí de repente deu aquele apito, píiiii, foi gente pra todo lado, era menino caindo, sandália torada, pense um medo. Mas depois, o trem parou, o povo começou a olhar, e teve gente que gostou tanto que até beijou o trem. Nesse dia foi festa à vontade. A banda de música daqui foi pra lá tocar. Os ricos tudo chique. E o pobre lá também.” (SANTOS, 2004)

De acordo com Francisca Trigueiro Tôres, quando o trem chegou

“foi àquela festa, o povo ficou muito admirado, mas teve muita gente que não achou muito bom não. Quando o trem passava essas pessoas gritavam: lá vem a besta fera! Vamos embora que lá está a besta fera, e era aquela correria, o povo com medo, não é?”(TÔRES; 2004)

Para acentuar esse ideário modernizador foi implantada na cidade a indústria de óleo Brasil-Oiticica, gerando novos empregos, mas instituindo uma série de valores morais, com o objetivo de aproveitar o máximo do esforço do operário.

Quando da inauguração da indústria de Brasil Oiticica, a Sra. Benta Carneiro dos Santos, lembra-se de que o povo

“gostou demais! Essa indústria tirou a pobreza da miséria. Os pobres foram todos trabalhar. Todos conseguiram empregos lá, melhorou muito a vida da gente. Agora pra trabalhar lá, as indústrias exigiam que o homem fosse muito direito, exigia que ele não bebesse, mas na folga, eles bebiam. Ela exigia isso porque trabalhar com homens trabalhosos, bêbado não dava certo, né? Então ela [a indústria] exigia, só trabalhava com homens direito. Lá tinha uma escola para as crianças desde que fundou. Todo mundo de Pombal gostou da abertura da indústria.” (SANTOS; 2004)

A multiplicação dos estabelecimentos comerciais e a instauração de indústrias na cidade fazem surgir novas atividades econômicas, que contribuíram para o desenvolvimento local, favorecendo o surgimento de novos valores no seio da sociedade.

De acordo com os discursos proferidos pelos senhores do saber, todos os esforços deveriam ser poupados para o trabalho, de forma que, para conseguir um emprego, era preciso ser dono de uma conduta exemplar. Isso com o objetivo de melhorar a produção.

Com o desenvolvimento da indústria, será promovido um intercâmbio comercial com outras cidades. A cidade se tornará alvo dos olhares alheios, o que intensificará o desenvolvimento urbano, já que, o pombalense, sentia prazer em mostrar que o progresso havia chegado aqui.

A implantação de um “novo” aparato arquitetônico, marca uma fase de intenso progresso na cidade, que era denominado de modernidade.

Em virtude das viagens, fossem de estudantes, comerciantes ou familiares, a moda das ruas e salões cariocas, chegava até o interior do estado, que acompanhava o refinamento à risca.

A Sra. Francisca Maria de Queiroga (Nena) diz que, viajar

“era bom, nós aprendíamos coisas novas víamos coisas fabulosas. Mas era muito difícil viajar naquela época, tinha que haver condição econômica. Viajar pra Recife, João Pessoa, Rio de Janeiro era bom, mas viajar para a Europa era muito melhor. Eu gostava de ir a Portugal, era bom, porque o povo lá tratava a gente muito bem.” (QUEIROGA; 2004)

Segundo Sandra Jatahy, o padrão da “cidade moderna se insinua, com o fetichismo da vida, onde as pessoas se tornam elas próprias mercadorias, saem para olhar e serem olhadas, a calçada é uma vitrine e ir ao centro um espetáculo”.

O discurso da Senhora Ivanil Salgado de Assis proporciona uma boa visão sobre a moda e o comportamento nos anos de 1930:

“Fumar era um luxo, antigamente fumar era como um hobby. Só fumavam os homens que tinham mais condições. Os jovens viajavam e, quando voltavam, vinham com um comportamento diferente, fumando, andando todo alinhado, mas o povo não falava mal, não. O povo achava bonito. Não se incomodava, porque era uma coisa rara, era considerado uma coisa moderna. A maioria das pessoas que fumavam eram os ricos.” (ASSIS; 2004a)

A senhora Benta dos Santos também faz um breve relato sobre a moda:

“Os homens, iam assistir o jogo de futebol todo empalitozado e as mulheres de sombrinhas, vestidos chiques. No dia do jogo era uma festa. (...) o povo naquele tempo era rígido, o vestido, olhe, era tudo comprido, de manga, uma honestidade tão grande! As mulheres ricas ainda usavam chapéu, jóias, tudo da moda, até batom. Quem não tinha batom sabe o que é que passava? Arrochava papel encarnado. Até eu colocava quando eu era moça, tanto nos lábios, quanto no rosto. Todo mundo queria ser chique né?! Pra não passar vergonha.” (SANTOS; 2004)

Embora seguir a moda lapidada nas grandes capitais fosse um privilégio de ricos, as camadas menos afortunadas encontravam formas de se enquadrar dentro dos padrões em voga na época.

Durante a administração de Francisco de Sá Cavalcante, visando a embelezar a cidade e dar ares “modernos”, foram iniciadas as construções das Praças Getúlio Vargas e Rio Branco, esta última abrigando um coreto que, o que era considerado um grande avanço para a época. Além disso, é construída a Coluna da Hora, cujo modelo, foi copiado pelo prefeito, em uma de suas viagens ao Ceará. Na praça que é ainda a mais extensa do nordeste, seu monumento, a torre do relógio, “*suplantava a existente na Praça do Ferreira*”, em Fortaleza. A praça Rio Branco, ainda iria abrigar uma estátua em “tamanho natural” de Argemiro de Figueiredo, na época, interventor Federal da Paraíba, o que constituía também um detalhe arquitetônico inovador.

Nos anos de 1940 a 1945, a cidade passou por um lento processo modernizante, caracterizado por um número de obras arquitetônicas reduzido.

No contexto nacional, vivíamos a política estadonovista instituída pelo então presidente da República, Getúlio Vargas, que administrava a nação ao seu bel-prazer.

Na esfera dos Estados foi instituído o sistema de Interventoria, no qual os poderes políticos eram manipulados de acordo com as conveniências partidárias.

Em face disso, no ano de 1940, é designado para o cargo de Interventor Federal da Paraíba, Dr. Ruy Vieira Carneiro, natural de Pombal.

A expectativa em torno do novo interventor, não tardou a ser frustrada. Visto que, o mesmo, mostrou-se pouco interessado nos assuntos do nosso Município, nomeando para o cargo de prefeito, homens radicados em outras cidades.

Mesmo diante das oscilações políticas, o desejo de abraçar a modernidade permanecia intenso entre os pombalenses.

Segundo Sandra Jatahy, o progressismo, “assume, às vezes, uma conotação política [onde] o desejo de transformar é intenso e o resultado é mínimo pelo efeito da má gestão política.” (2002:p. 331).

Se na década de 30, Pombal contava com a ferrovia e a indústria de óleo e sabão, Brasil Oiticica, na década de 40, a cidade valeu-se também de um bom número de caminhões, além de indústrias algodozeiras: as Inglesas SAMBRA e Anderson Clayton & Cia, que além de gerarem novos empregos, contribuíram para o desenvolvimento do comércio local de forma expressiva.

No ano de 1940, marcou-se a construção do primeiro templo evangélico, a Igreja Presbiteriana. A instalação da igreja, representava um grande avanço de mentalidade, deixando claro a boa aceitação, ou tolerância, de outras seitas ou religiões no meio de uma sociedade de fortes raízes católicas.

De acordo com a Sra. Benta dos Santos, quando abriu a Igreja protestante,

“quando inauguraram a Igreja o povo gostou. A sociedade era toda Católica, mas não houve nem briga, nem confusão, não. Cada um escolhia a lei que queria, né!?! O povo daqui toda vida foi um povo inteligente, não brigava por essas coisas não, mulher! Olhe, aqui mesmo não tinha cigano não, mas de vez em quando aparecia um. E você está pensando que o povo achava ruim, achava não. O povo achava era bom. O povo gostava deles, mulher! Eles passavam nas casas lendo a mão do povo, mentindo [risos] ganhando dinheiro..., o povo nem ligava. Basta!” (SANTOS; 2004)

Na década de 40 muitas foram as novidades trazidas pela “modernidade”. Nesse período, registra-se a chegada das primeiras geladeiras a gás e, antes disso, o advento do gelo, que foi muito festejado entre os populares que nunca haviam imaginado algo daquela espécie. Era portanto, o “novo” causando impactos na vida dos pombalenses.

Conforme a Sra Benta Carneiro dos Santos, a primeira vez que trouxeram

“gelo aqui pra Pombal, eu não lembro a data direito não, foi nos anos 40. Vinha de caminhão, nuns caixões grande, e as pedras eram bem grande, coberta com pó de madeira. Não vinha de trem não, vinha de caminhão. Aí não tinha aquilo aqui, todo mundo ficou admirado. Os homens que traziam davam um pedaço a cada um de nós, aí era aquela farra. Agente pegava o gelo, botava na boca, jogava pra cima, jogava pra o outro, passava no corpo, pra gelar, botava na boca novamente, era divertido [risos].” (SANTOS; 2004)

Se por um lado o progresso valorizava a instituição do “belo”, do “civilizado”, por outro, incentivava a destruição do “velho”, tudo o que não combinava com o novo modelo urbanístico deveria ser expulso dos centros das cidades.

Segundo Sandra Jatahy, o conjunto das

“intervenções urbanísticas não se resumiu ao traçado da cidade, mas pretendeu penetrar fundo nas socialidades e valores do povo. Assim, a uma deliberada atitude de expulsão dos pobres do centro da cidade motivada (...) pela destruição de antigas ruas, seguiram-se proibições de hábitos e costumes populares, numa verdadeira arremetida disciplinatória (...) Buscava-se eliminar da vista a pobreza, que, por convicção da elite, era suja e perigosa. Se o centro era o cartão de visita, as camadas populares, desalojadas, deveriam ir para os subúrbios.” (2002:p. 176).

O desenvolvimento da cidade, promoveu a abertura de novas ruas e avenidas, expulsando os pobres para áreas cada vez mais distantes dos centros das urbes.

É importante abordar que embora tenha havido intensas transformações tecnológicas, arquitetônicas e culturais, não existia em Pombal, em fins da década de 40, um perfil efetivamente moderno. As mudanças implementadas, eram somente indícios de um processo modernizante, caracterizado por pequenos avanços tecnológicos e arquitetônicos.

¹. Segundo LE GOFF “ a modernidade é (...) a ideologia do inacabado, da dúvida e da crítica.(...) é também impulso para a criação, ruptura declarada com todas as ideologias e teorias da imitação, cuja base é a referência ao antigo e a tendência para o academismo”. (1996: p. 190) Já por modernização, devemos compreender os processos sócio-econômicos decorrentes da modernidade desejada. Caracterizada pela implantação do “novo” e pela conservação dos antigos valores.